

C
EMITÉRIOS
de D
RAGÕES

RAPHAEL DRACCON

C
EMITÉRIOS
de D
RAGÕES

LEGADO RANGER I



Fantástica
ROCCO

Copyright © 2014 by Raphael Draccon

Ilustração de miolo de Ramon Saroldi

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
fantastica@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil



GERENTE EDITORIAL
Ana Martins Bergin

EDITORES ASSISTENTES
Elisa Menezes
Larissa Helena
Manon Bourgeade (arte)
Milena Vargas
Viviane Maurey

ASSISTENTES
Gilvan Brito
Silvânia Rangel (produção gráfica)

REVISÃO
Armenio Dutra
Sophia Lang
Wendell Setubal

Cip-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Draccon, Raphael
D791c Cemitérios de Dragões / Raphael Draccon. –
Primeira edição. – Rio de Janeiro: Fantástica Rocco, 2014.
(Legado Ranger ; 1)

ISBN 978-85-68263-01-3

1. Fantasia - Ficção infantojuvenil brasileira. I. Título.
II. Série.

14-14109

CDD: 028.5

CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

*Para Carolina,
por ser meu melhor motivo para voltar pra casa,
independentemente da dimensão.*

PRÓLOGO

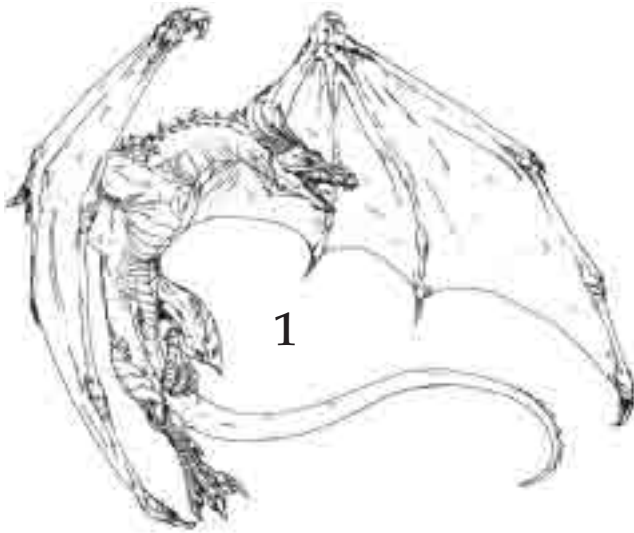
AFLIÇÃO. Era como se iniciavam as memórias constantemente revividas.

Primeiro, uma calma dentro da aeronave de asas rotativas. Depois, a floresta de aveleiras e pistácias, onde cabras, faisões e ovelhas caracul dormiam. A caminhada pela mata escura, a visão otimizada pelo infravermelho. As instruções gestuais. O deslocamento obedecendo um padrão de operação militar.

Então, o primeiro tiro.

E o segundo.

No terceiro, a escuridão.



MINAS DRACÔNICAS

AQUILO TINHA DE SER UM SONHO. O calor tomava a região rochosa com uma intensidade ofuscante, enquanto criaturas pulmonadas de pele escamosa e sangue frio, munidas de chicotes de couro trançado, vigiavam um grupo composto em sua maioria por anões escravos. Cada anão tinha a pele tatuada e a barba ensopada de suor e sujeira, o corpo cheio de calos, feridas em carne viva e trapos encardidos cobertos de rasgos, poeira e manchas de sangue. A luz incandescente dos lampiões presos nas paredes incomodava a vista e, a todo momento, os escravizados tentavam não cair diante de seres reptilianos e do estalar de chicotes que rompiam a barreira do som.

Além do ruído das correias de couro, ouviam-se também os impactos do ferro de marretas contra rochas sedimentadas, e o arrastar lento de vagões de metal sobre trilhos. A mina ficava no final de um canal de túneis de areia, argila e cascalho, de onde o grito de qualquer ser ecoaria insignificamente por paredes azul-escuras.

O pior de tudo, no entanto, era o cheiro.

Regiões vulcânicas já são grandes reservatórios de sódio, potássio e enxofre. Naquelas minas, porém, o cheiro ambiente se unia ao forte odor de ácido úrico da tóxica urina de seres monstruosos

implacavelmente carnívoros. Tais condições, aliadas ao calor excessivo que reduzia a umidade ambiente, dava aos escravos a sensação de trabalhar dentro de uma gigantesca fossa vulcânica.

Já os seres reptilianos não pareciam se incomodar. Seu líder dracônico se mantinha de pé em uma elevação rochosa, uma criatura humanoide imensa e de traços demoníacos observava, com a língua para fora, o trabalho imposto aos dominados. Vestia um elmo oval com três chifres, retirado de um morto em batalha, e uma cota de malha com a mesma origem infeliz. A pele de escamas sobrepostas variava em tons translúcidos ao redor do corpo escuro. A face monstruosa apresentava olhos de pupilas amarelas e a juba negra no couro cabeludo era trançada com adereços semelhantes a cordas. Sob uma narina avermelhada, da mesma cor da língua, um pequeno osso pontudo se projetava do queixo.

Era nesse ser que a atenção de Derek se concentrava.

Localizado no meio do grupo mais forte, composto de poucos humanos sedentos, que ainda assim eram mais resistentes que os anões desnutridos, Derek acreditava que tudo aquilo tinha de ser um devaneio do qual ficava cada vez mais difícil acordar. Não reconhecia os seres nem a região em que estava. O cabelo, antes raspado, se apresentava cheio, sujo e empapado, caindo pela face marcada pela barba grossa. Era um homem forte de vinte e sete anos, treinado para a guerra pela elite do Exército dos Estados Unidos da América, mas que chegara ali sem opção de luta.

Já chegara àquela dimensão como escravo.

Na realidade em que se encontrava, lembrava-se apenas de ter acordado em meio a pessoas que nunca vira, cercado por seres que não deveriam existir. E então às lembranças se uniam algemas, cordas, mordaças, lâminas, couro trançado, marretas, minas e escravidão.

Não sabia há quantos dias repetia o trabalho forçado nas minas. Acordava com chutes no estômago, era escoltado sob o fustigar dos chicotes e espadas com lâminas farpadas e marretava por horas

infinitas as carcaças de criaturas que lembravam répteis colossais, com o intuito de lhes arrancar as garras, os chifres e os dentes. Em determinado momento, os dracônicos atiravam no chão uma ração preparada à base de peixe, incitando os humanos a se digladiar pela comida espalhada. Ao fim dos trabalhos, com o corpo dolorido e os ossos parecendo areia, Derek se ajeitava em um canto, cansado demais até para tentar se comunicar. E então fechava os olhos e esperava o retorno dos sonhos fantásticos em que interagira com outras pessoas como ele, em outra realidade.

Algumas poucas vezes, tentou se comunicar com os outros, mas eram pessoas de origens e idiomas diferentes. Havia um casal de olhos puxados, dois homens de pele negra e três humanoides: uma fêmea e duas crianças, dotados de pele acinzentada quase sem pelos; com símbolos tribais gravados como cicatrizes. Silenciosamente, contudo, como é a maneira dos submissos, entre eles se iniciou uma linguagem de sinais e atitudes. No início, todos brigavam pela ração despejada pelos escravocratas. Aos poucos, porém, controlaram o instinto animal. Passaram então a simular as brigas, pois isso agradava aos dracônicos, mas não mais disputavam o alimento. Guardavam migalhas para os de menos sorte. Quando a sós, cuidavam dos feridos e simplesmente continuavam a rotina.

Uma rotina que Derek começou a analisar.

Reparou que, apesar do caos aparente em que viviam, os dracônicos seguiam determinados padrões. Acordavam os escravos no mesmo horário, escoltavam todos da mesma maneira e os obrigavam a desempenhar as mesmas funções. Comiam sempre na sala sem porta, improvisada em uma brecha geográfica para que todos os escravos pudessem vê-los se banquetear com bandejas de carne crua e misturas que lembravam mingau preto; e nas canecas, sangue. A euforia era compartilhada, e eles rosnavam em grupo. Quando torturavam um esgotado, o sadismo se espalhava em apreciação coletiva.

Sabiam, de uma maneira própria e primitiva, contar os escravos ainda vivos, assim como os cadáveres.

Como não via a luz do sol e não tinha noção real de tempo, era assim que Derek controlava a passagem dos dias: A hora em que contavam os vivos era o início. Os cadáveres, o fim.

As divisões também eram bem claras. Humanos martelavam carcaças de mais de cinco centenas de ossos a fim de extrair queratina, presas e garras que pudessem ser posteriormente moldadas em armas e adereços. Gigantes encoleirados giravam uma espécie de espremedor, um mecanismo circular que comprimia partes dos répteis colossais de cujos membros decepados ainda fosse possível extrair sangue. Anões empurravam vagões de metal ensanguentados por barras de aço laminado atravessadas sobre dormentes, conduzindo-os até os dracônicos, que armazenavam o sangue em galões. E então, ao final do dia, uma chave de ossos com cinco pontas era utilizada para revelar uma abertura em uma parede rochosa, liberando assim o caminho para um mundo de que os escravos já não se lembravam. Uma chave em posse do mesmo dracônico de elmo oval que vigiava o trabalho escravo com a língua para fora.

Uma chave que Derek lhe desejava tomar.



COMEÇOU COM DESENHOS. Ao fim do dia, antes de dormirem em um canto improvisado como jaula nas rochas frias, Derek reunia o grupo e desenhava com pontas de pedras na poeira do chão. Uma vez, escreveu seu nome e ilustrou um mapa com estrelas e um planeta de uma única lua ao qual deu o nome TERRA.

Aos poucos, os outros começaram a desenhar também. Os homens de olhos puxados desenharam uma ilha para demonstrar de onde vieram, mas os ideogramas de seu idioma não faziam sentido para os outros. Derek riscou no solo uma bandeira com um grande

sol no centro, mas o casal não pareceu reconhecê-la. Um dos de pele negra rabiscou um continente gigantesco, e sua língua tribal apresentava o mesmo conflito dos ideogramas. As crianças de pele acinzentada desenharam o que parecia uma nave espacial, mas nenhum dos outros levou a sério, já que é compreensível a loucura que assola a mente de um escravo.

Todos os dias, ao menos um cadáver de anão era envolto em panos que lembravam uma mortalha infantil. Se estivesse doente, o corpo era queimado em um caldeirão fervente localizado acima do centro da mina, preso por um engenhoso sistema de canos, que servia também para fundir o metal extraído. Se estivesse sadio, sua carne era devorada por dracônicos, e apenas os ossos atirados no caldeirão. A forja central era a maior, porém não a única. Diversas outras se espalhavam pelo local, menores, mas todas conectadas ao sistema hidráulico por onde corriam também os galões de sangue extraído.

Quase todos os dias novos condenados eram trazidos, a maioria de raça anã. Uma vez trouxeram uma raça que lembrava gnomos, mas não duraram um dia. Em outra, um casal humano, mas os dracônicos rasgaram a roupa da mulher e ameaçaram devorá-la, provocando uma reação trágica por parte do rapaz, que culminou com a morte de ambos. Depois chegaram os gigantes, talvez adolescentes para o padrão daqueles seres, de quase três metros de altura. A corrente que lhes prendia os pés era estreita e limitava os passos. Não era raro um deles se desequilibrar e cair com estrondo e receber chicotadas, pauladas ou chutes no corpo já ferido. No pescoço, amarravam uma gargantilha que os reptilianos prendiam a um bastão e apertavam como um torniquete quando necessário. O mesmo acontecia com o ser de pele acinzentada – que não era daquela raça, mas padecia do mesmo destino dos agigantados.

– **Gani! Gani! Gani!** – gritavam eles para os punidos. No início, Derek associou à ideia de *levantar-se*. Aos poucos, contudo, percebeu

que os dracônicos gostavam quando, ainda que abatidos, os escravos se erguiam e seguiam seus trabalhos sem reclamações. De uma maneira distorcida, eles respeitavam isso. Então Derek associou *Gahi* a *resistir*.

Quem trazia os novos escravos eram humanoides de origem anfíbia, dotados de grandes olhos amarelos, couraças nas costas e pele nua azulada com manchas pretas sem escamas, glandulares e ume-decidas. Eram baixos e carregavam pequenos machados de pedra lascada. De vez em quando, estalavam a língua no ar, abocanhando moscas varejeiras de cores metálicas ou outros insetos em abundância no propício ambiente fúnebre.

– Qual o seu nome? – perguntou Derek certa vez a uma das crianças de pele cinzenta que afirmava ter vindo do espaço, complementando com gestos o que o idioma não transmitia. Se fosse humano, o ser curioso teria algo em torno dos catorze anos.

O menino tentou pronunciar o próprio nome, e sua maneira de falar lembrava palavras unidas em um assobio:

– Q-a-t-r. – Foi o que Derek compreendeu, após a terceira tentativa, e então escreveu no chão com uma ponta de pedra: KATAR.

Seguindo o mesmo procedimento, descobriu o nome da outra criança e o interpretou como “Ono”. A fêmea era “Ogara”. Futuramente também compreendeu que o ser mais alto e mais forte, que os dracônicos faziam carregar corpos e sacos ao lado dos gigantes, era o líder daquela raça. Uma raça sem identidade. O que era impossível de se ignorar era a palavra que todos repetiam e que a princípio ele não conseguia compreender: *VEGA*.

Ao pronunciar tal nome, os três pareciam experimentar certa satisfação, que, somada entre eles, talvez chegasse a completar um sorriso inteiro. No início, ele achou que fosse o nome do humanoide adulto. Katar, todavia, lhe ensinou que não. E então apontou para o desenho de Derek com o nome TERRA, acrescentou um satélite, e apontou com a pedra. Derek compreendeu.

Apagou o nome TERRA. E escreveu VEGA.

– E quem é aquele? – perguntou ele, se referindo ao mais velho, preso na cela com os gigantes.

– A-d-r-o-o-s-s – repetiu Katar a Derek todas as vezes que fora preciso. E ele escreveu: ADROSS.

As crianças achavam curiosas duas características do humano: os pelos no corpo, principalmente a barba, para elas era algo inteiramente exótico; e os movimentos das sobranceiras acompanhando determinadas reações. Derek gostava de vê-las rir, ainda que fosse dele.

Um dos dracônicos veio até a jaula e golpeou as barras, ordenando em sua linguagem primitiva:

– **Shandar! Shandar!** – Poucas coisas se aprendiam naquelas minas. Uma delas era aquela expressão. Era uma ordem para o escravo se calar e se submeter à força dominante. – **Shandar, doki!**

Derek e os meninos se encolheram em seus cantos e obedeceram. *Doki* era como eles chamavam as crianças.

– Huray... huray... – repetiu Derek em uma voz trêmula. Aquela expressão era citada a cada vez que um dracônico vencia outro em um jogo bruto de força ou demonstrava maior dominação na tortura de um escravo. Apontavam para ele e o denominavam o *huray*. Derek associou o termo a *maioral*. Assim, quando precisava demonstrar humildade, baixava a cabeça e o usava com o carrasco em questão, abrandando infrações.

O dracônico pareceu gostar e se afastou, satisfeito. A voz bestial, porém, ecoou por ângulos distorcidos na mente de Derek, avivando sentimentos que ele nem mesmo sabia haver dentro de si.

Mas havia. E se acumulavam a cada dia em contagem regressiva, feito uma bomba-relógio.

Prestes a explodir.